



Divulgação/Maio de 2020



Divulgação

**Palácio do Planalto.** Ex-governador paulista diz que o momento é de 'paciência cívica'

que fazer pesquisa. O protocolo de tratamento tem melhorado. Está todo mundo correndo para chegar o mais rápido possível à vacina. É importante investir em saúde e ter boa estrutura de saúde pública, gratuita e de qualidade.

**Bolsonaro comete crime nessa conduta da pandemia?**

Não sou jurista e não entraria por este lado. Tem policrise. A sanitária é muito grave e o governo precisa mudar. As medidas precisam ser tomadas e tem que preparar o país para o futuro, porque que vai ter outra epidemia. Espero que o governo dê um rumo correto. A crise social o governo agiu bem com o auxílio emergencial e foi necessário. A crise econômica o governo deveria ter apresentado, em janeiro de 2019, a proposta de reforma tributária. Além de não ter feito, quer criar a CPMF que é um imposto acumulativo. Do ponto de vista político, a bagunça é completa. São 24 partidos na Câmara e a reforma política é necessária.

**É a favor do impeachment?**

Não sou favorável à briga política em torno da tragédia.

Acho que é hora de baixar a temperatura e tentar um grande esforço para combater a pandemia. Não tem disputa entre saúde e economia, porque enquanto não resolver a crise sanitária não resolverá a crise econômica. Centrar esforços no combate à pandemia. Nesse momento, o impeachment não é prioridade, seria colocar mais um problema num quadro muito difícil. O Congresso deve investigar, mas não criar mais um problema num quadro já tão difícil.

**E a gestão do governador João Doria na pandemia?**

Não tenho detalhes das operações do Estado, mas é melhor do que o governo federal, que teve posição negacionista frente à gravidade da epidemia. No começo até poderia

ser compreendido, porque até médicos achavam que não era tão grave e não chegaria com tanta força aqui, porque é país tropical. Mas a maior letalidade é na Amazônia. Isso mostra como é importante a assistência médica hospitalar.

**Vai ser candidato agora?**

Não pretendo ser candidato, estou dando aula em duas universidades e fazendo doutorado. Sou médico especialista em anestesia. Estou fazendo doutorado em tese de dor lombar. Posso ajudar um amigo [Alckmin deve participar da campanha à reeleição do prefeito de São Paulo, Bruno Covas]. O município é o governo mais próximo da população.

**E para presidente em 2022?**

Fui duas vezes candidato à Presidência e conheço bem o Brasil. Percorri o país inteiro. Candidato à presidente é curso de pós-graduação sobre o país, que é continental. Há vários 'brasis', e às vezes enxergamos o país como se fosse São Paulo, mas não é. Sei que a fila anda. Se pudesse [ser candidato em 2022], me sinto mais preparado, mas não é vontade pessoal. É importante participar da vida política. Não recebo nenhum centavo de governo algum e vivo das aulas e do meu trabalho, mas gosto da atividade política.

**Um conselho a Bolsonaro?**

Seria presunçoso dar conselho, mas acho que o caminho frente a algo novo, o vírus sem tratamento e ainda vacina, é a humildade. Precisa buscar gente que sabe. É hora de uma paciência cívica. ■

“Sem tirar os méritos, a eleição de Bolsonaro retrata a falência do nosso modelo político. Não tem democracia que funcione bem com 35 partidos”.

Idem

“Vitor Hugo dizia que o diâmetro da imprensa é o diâmetro da civilização. Onde há civilização há imprensa. É hora de uma paciência cívica”.

Idem

**5,09**

MILHÕES

de votos teve Alckmin na eleição presidencial de 2018, ficando em 4º lugar e não disputando 2º turno